

# C Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 1, 2026

## ... ARTIGO 14

Data de Aceite: 20/01/2026

### A FALÁCIA ANTIMARXISTA PRESENTE NA PSICOLOGIA SOVIÉTICA DURANTE O REGIME STALINISTA: UMA ANÁLISE DO SUBTEXTO DOS TRABALHOS PSICOLÓGICOS<sup>1</sup>

**Alexandre Pito Giannoni**

Doutorando em Psicologia pela UNESP/FCLAs, mestre em psicologia pela UFMS/FACH e bacharel em psicologia pela UFMS/CPAR. Atualmente trabalha na produção de uma clínica popular de base marxista.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

<sup>1</sup>“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

**Resumo:** Ao longo da história da psicologia soviética, é possível identificar diversos momentos de avanços e retrocessos, tanto teóricos quanto práticos. Uma ciência de base marxista apenas iniciou seu desenvolvimento após a Revolução de Outubro, de 1917. Conquanto, sua formulação passou por diversos momentos políticos, neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar como o discurso stalinista se fez presente na história da psicologia soviética entre as décadas de 1930, 1940 e 1950. No intuito de cumprir esse propósito, apresento um breve histórico sobre o desenvolvimento da psicologia soviética, sua interdependência com o marxismo, ao mesmo tempo, demonstro como os autores desenvolveram trabalhos, de modo criativo, se utilizando desta visão de mundo. Posteriormente, apresento as críticas que teóricos, tal como, Sergei Leonidovitch Rubinstein (1889-1960), sofreram em um período de repressão, após a Segunda Guerra Mundial. Por fim, destaco como a falácia antimarxista apareceu ao longo dos trabalhos da psicologia soviética, concomitantemente, como os psicólogos soviéticos conseguiam burlar a censura da época em seus trabalhos.

**Palavras-Chave:** Psicologia Soviética, Falácia Antimarxista, Marxismo.

## Introdução

A psicologia soviética que nasceu com a Revolução de Outubro de 1917, tem como visão de mundo o marxismo. No entanto, seu desenvolvimento não ocorreu de um momento para outro, ou ainda, partindo de uma relação harmoniosa e linear, tal como encontramos em referências acerca da história da psicologia.

A Revolução de Outubro de 1917, pôs abaixo as amarras de um velho mundo Czarista, entretanto, não conseguiu superar uma série de costumes, hábitos e elementos culturais presentes neste modelo social. A veneração de um ídolo persistiu ao longo da criação de uma nova sociedade, cujo principal objetivo era o desenvolvimento do novo homem e da nova mulher socialista.

Após a Revolução encontramos diversos momentos de avanços e retrocessos presentes na história da psicologia soviética. Tais evoluções, estavam presentes na atividade teórica criadora que potencializou o surgimento de uma nova abordagem. Entretanto, em simultâneo, encontramos uma série de retrocessos presentes na personificação de Josef Stalin (1878-1953) na ciência, nas perseguições políticas a diversos teóricos, nas proibições de obras, por fim no direcionamento pavloviano dado a psicologia da época no começo da década de 1950.

O discurso naquele momento era contra todos os hábitos e costumes criados pela sociedade burguesa. Todavia, em sua essência conservou seu próprio oposto, estabelecendo um modelo autocrático de governo. Vigotski, no fim de seu A construção do pensamento e da linguagem, acreditava que “[...] a palavra consciente é o microcosmo da consciência humana”. (VIGOTSKI, 2009, p. 486). Portanto, concebemos que

a palavra contém uma série de significações sociais, ao mesmo tempo, que promove o surgimento e o desenvolvimento da consciência humana.

Neste sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar como o discurso stalinista se fez presente na história da psicologia soviética entre as décadas de 1930, 1940 e 1950. Ao mesmo tempo, pretendemos demonstrar como a ciência psicológica se apropriou do marxismo, criando um movimento que burlasse a censura da época.

Para cumprir nosso objetivo, apresentaremos brevemente o salto qualitativo dado pela psicologia soviética após a Revolução de Outubro de 1917. Assim, pretendemos apresentar o discurso revolucionário presente na fundamentação desta teoria, em contraposição a interiorização do discurso stalinista presente no fim da década de 1950.

Ao mesmo tempo demonstraremos como no princípio de 1930, estava sendo engendrado os movimentos que culminariam na proibição das obras de Vigotski no fim desta mesma década. Posteriormente, apresentaremos a perseguição política e teórica sofrida por outros autores nas décadas de 1940 e 1950. Em outro momento, destacaremos a incorporação do discurso stalinista na ciência psicológica, demonstrando como o enunciado se incorporou na personificação de Josef Stalin na comunidade científica de modo geral. Por fim, apresentamos os combates e os movimentos de contra censura criados neste período e os resquícios da censura stalinista presentes na psicologia das décadas seguintes.

## **O Marxismo Como Visão De Mundo De Uma Nova Psicologia: O Discurso Pós-Revolução De Outubro De 1917**

Alexander Romanovich Luria (1902-1977) seguidor e colaborador de Vigotski, escreveu um breve esboço biográfico e histórico, disponível em seu livro *A construção da mente*. Neste material, Luria (1992), explicou o contexto histórico que se encontrava a Rússia sob domínio do Czar. Afirmava, que cientificamente, os teóricos russos da psicologia estavam atrasados perante a outros colegas europeus. Essa distância se dava em grande parte pela falta de traduções de materiais de outras línguas para o russo, diga-se de passagem, sendo traduzidos apenas os que eram convenientes para a censura. Luria escreveu que

As opressivas restrições do período czarista são de difícil compreensão para as pessoas modernas. A sociedade na Rússia pré-revolucionária era composta por classes rigidamente divididas: trabalhadores e camponeses, intelectuais (médicos, professores e engenheiros), comerciantes e homens de negócios, e a alta classe (a aristocracia e os altos funcionários governamentais). A natureza repressiva do regime se refletia no sistema educacional, elaborada para assegurar que cada um permanecesse em seu lugar “natural” e que nada mudasse. Para ter

certeza disto, o Ministério da Educação determinou que o ginásio e as escolas preparatórias para o ginásio “fossem esvaziados da frequência de filhos de condutores, criados, cozinheiros, lavadeiras, pequenos comerciantes e outras pessoas de situação semelhante, cujas crianças, excetuando-se talvez as extraordinariamente dotadas, não devem ser encorajadas a abandonar o ambiente social a que pertencem. (LURIA, 1992, p. 24 – Grifos no original).

Posteriormente, Luria (1992), salientou que a Revolução libertou toda a estrutura social posta pelo Czar. O autor afirmou, que neste mesmo tempo, as portas das Universidades haviam sido abertas para todos os estudantes que se graduavam no colégio, mudando toda a história escrita até então nas sociedades burguesas. Conquanto, Luria relatou que os professores não estavam preparados para a nova demanda que surgia naquele momento. Neste sentido, tentando se adequar ao novo período que se anunciava, muitos professores acrescentaram a palavra social em suas disciplinas. No entanto, nenhuma concepção epistemológica havia sido revisada.

Podemos afirmar que neste primeiro momento, a psicologia soviética se desenvolvia na crítica às teorias idealistas existentes na Rússia Czarista. A ciência psicológica era determinada pelos trabalhos do filósofo Georgi Ivanovich Chelpanov (1862-1936), fundador do Instituto de Psicologia de Moscou, em 1911. (LURIA, 1992). Des-

te mesmo instituto saíram diversos autores que posteriormente combateriam as ideias de Chelpanov, dando início a um novo movimento crítico da psicologia.

Konstantin Nikolaevich Kornilov (1879-1957), Pavel Petrovich Blonski (1844-1941) e Mihail Yakovlevich Básov (1892-1931), foram três importantes teóricos que iniciaram o combate as teorias idealistas na ciência psicológica daquele momento. Grande parte das críticas eram direcionadas a Chelpanov e seus seguidores, que insistiam na impossibilidade de se desenvolver uma teoria psicológica de base materialista e objetiva (SHUARE, 2016; LURIA, 1992; PETROVSKI, 1985).

Motivados pelas mudanças estruturais proporcionadas pela Revolução de Outubro, de 1917, iniciaram uma releitura de toda a psicologia na Rússia até aquele momento. Básov, foi o primeiro teórico que propôs a ideia da adaptação ativa do homem no meio em que vivia, neste sentido, compreendendo a atividade como objeto de estudos da psicologia. No entanto, não conseguiu desenvolver a categoria de atividade ao longo de sua obra, posteriormente, foi duramente criticado e perseguido na década, de 1930.

Por sua vez Blonski, foi influenciado de modo mais significativo pelos acontecimentos da Revolução de Outubro. Incorporou em suas ideias a necessidade de se criar um novo modelo educacional para os jovens russos. Defendeu, também, que a psicologia era uma ciência biológica, portanto, o comportamento humano deveria ser estudado nesta ciência. Conquanto, ao mesmo tempo, a psicologia deveria estar em contato direto com as ciências sociais e econômicas. Blonski, defendeu que o ser humano deveria ser visto de uma forma completamente diferente nos estudos da psicologia, tendo

um caráter ativo em seus estudos. Todavia, a principal importância de Blonski para a psicologia soviética foi ter defendido em seus trabalhos que esta ciência se orientasse por meio do marxismo (SHUARE, 2016; GIANNONI, 2018).

No entanto, o teórico mais importante para a psicologia soviética, neste primeiro momento, de desenvolvimento teórico foi Kornílov. Aluno de Chelpanov, foi responsável por uma defesa pública de que a ciência psicológica deveria orientar-se por meio do marxismo. Todavia, inicialmente Kornílov teria criticado a fundamentação filosófica da psicologia, afirmando que ela teria apenas atrasado seu desenvolvimento científico. (SHUARE, 2016).

Entretanto, após a publicação de um artigo de Lenin, de 1922, intitulado: Sobre o significado do materialismo militante, Kornilov, teria mudado por completo seu discurso na psicologia. Neste trabalho, o revolucionário russo, defendeu que a ciência deveria auxiliar a construção de uma nova sociedade, pertencendo, portanto, aos trabalhadores. O conhecimento científico deveria favorecer os princípios do operariado, e não da burguesia (LENIN, 2013). Motivado por essa ideia, Kornilov, sustentou um discurso de que a psicologia deveria orientar-se para a classe trabalhadora, tendo como visão de mundo, o marxismo. Sua fala proferida no I Congresso de Psiconeurologia, realizado entre os dias 10 e 15 de janeiro de 1923, mudou por completo toda a história da psicologia soviética. (SHUARE, 2016).

Vale mencionar que neste primeiro momento a defesa de Kornilov foi acolhida por grande parte da comunidade científica que se encontrava presente, tal como consta em diversas referências. (SHUARE, 2016; LOMOV, 1989; PETROVSKI, 1985; LU-

RIA, 1992; SMIRNOV, 1967). Poucos foram os cientistas contrários a argumentação de Kornilov como, por exemplo, Chelpanov e Aleksandr Petrovich Necháev (1870-1948). Ambos, apresentavam a impossibilidade de superar a metafísica, em simultâneo, de desenvolver uma teoria marxista que fosse objetiva na psicologia. Entretanto, tanto Chelpanov, quanto Necháev, não tiveram suas ideias acolhidas e o marxismo tornou-se a visão de mundo proposta para a sustentação da psicologia naquela ocasião.

Luria (1992), relatou que a euforia era grande ao se pensar que haviam criado uma teoria marxista na psicologia. Neste momento, todos os laboratórios do Instituto de Psicologia de Moscou haviam sido renomeados. Neles, o nome reação prevalecia, condizendo com a proposta reatológica de Kornilov (1925), em que dois anos mais tarde publicaria a coletânea de *Marxismo e Psicologia*. Este livro, de fato, não se valia do método de Marx, mas sim, fazia uma análise eclética sobre algumas abordagens, unidas com o marxismo. Como exemplo, neste mesmo material, encontramos o primeiro texto de Vigotski publicado pelo Instituto de Psicologia: *A consciência como problema da psicologia do comportamento*. Em contrapartida, na mesma coletânea se faz presente um artigo de Luria sobre *A psicanálise como um sistema monista da psicologia*. Nele, Luria (1977) defendeu a ideia de que a psicanálise é uma abordagem monista, portanto, ao retirarmos sua doutrina da sexualidade, conseguimos encontrar semelhanças com o próprio marxismo.

Vale escrever que posteriormente essa ideia é abandonada, compreendendo-se que uma nova abordagem não se desenvolveria unindo diversas teorias com as ideias de Marx. Contudo, esse primeiro ponto

da década de 1920 é caracterizado por dois movimentos: 1) As críticas às concepções idealistas e reflexológicas da psicologia, caracterizadas entre, 1920 a 1925 e; 2) A apropriação do marxismo e do método de Marx na psicologia, caracterizado entre, 1925 a 1930.

Portanto, encontramos o desenvolvimento da psicologia vinculado ao discurso revolucionário, condizente com os princípios de uma nova sociedade que estava sendo engendrada. As decisões acerca do desenvolvimento teórico-prático da psicologia eram tomadas de modo coletivo, tal como encontramos no I Congresso de Psiconeurologia de 1923. Entretanto, a partir da década de 1930, identificamos alguns discursos contrários a esse primeiro período de desenvolvimento da psicologia soviética. É o princípio de diversas perseguições políticas, destituições e censuras de autores que eram denominados como anti-marxistas, ou, cosmopolitas. É na década de 1930, que nos deteremos nas análises do princípio de um discurso stalinista incorporado na psicologia.

## **Avanços E Retrocessos Da Psicologia Na Década De 1930: O Princípio De Um Discurso Stalinista**

Torna-se uma difícil tarefa caracterizar a década, de 1930, na psicologia soviética. Ao longo dela, tivemos constantes momentos de avanços e retrocessos. Durante o fim da década, de 1920 ocorreu a consolidação de uma teoria marxista na psicologia com os trabalhos de Vigotski, Luria e Leontiev, em Moscou. Porém, no princípio dos anos, de 1930, estes mesmos trabalhos sofreriam

uma série de críticas tendenciosas, sendo acusados pela crítica stalinista.

No ano, de 1931, Alexander Alexandrovich Talankin (1898-1937), professor de filosofia da Academia Militar-Política e membro do Partido desde, 1917, proferiu uma série de críticas aos trabalhos produzidos por Vigotski e Luria. Em um texto de aproximadamente uma página e meia, Talankin (2000), expressou sua insatisfação pelas pesquisas feitas pelos autores. Ao longo de suas críticas, denominou os teóricos como: culturalistas, antimarxistas, antidialéticos e engrandecedores da psicologia burguesa. Neste mesmo texto, Talankin, levantou a preocupação com esses trabalhos, denominando-os como histórico-culturais.

O discurso de Talankin, diga-se de passagem, que abriu a década, de 1930, tornou-se extremamente comum ao longo dos anos seguintes. Neste sentido, vale ainda mencionar que as pesquisas de Luria e Vigotski criticadas pelo autor somente foram publicadas na década, de 1970. Talankin (2000), referia-se aos trabalhos feitos em conjunto com os psicólogos gestaltistas. Atualmente podemos encontrar esse material sob o título de Desenvolvimento cognitivo, publicado em português pela editora ícone (LURIA, 2013).

Neste material Luria (2013), apresentou a necessidade da organização da educação sistematizada para o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores e da consciência. Entretanto, foi duramente criticado por desvalorizar o camponês soviético. No discurso presente nas críticas de Talankin (2000), podemos encontrar que o povo soviético teria uma capacidade notável de desenvolvimento, portanto, deveríamos ignorar as determinações históricas, anteriores a Revolução de Outubro, de 1917.



O discurso de Talankin (2000), inaugurou o que posteriormente apareceu como a personificação de Stalin na ciência soviética. Neste primeiro momento, encontramos apenas o engrandecimento do povo soviético, as justificativas tendenciosas e inatistas da capacidade desta população. Conquanto, no decorrer desta mesma década, até o fim de 1950, a ciência obrigatoriamente cristalizou a figura de Josef Stalin:

A propriedade social sobre os instrumentos e meios de produção, o caráter planejado da economia socialista, a constante preocupação do Partido Comunista e do Estado soviético pelo progresso técnico-científico e o domínio no país de uma concepção de mundo científica e verdadeiramente avançada, predetermined os grandes êxitos da ciência soviética, que é o orgulho de seu povo e de toda a humanidade progressiva. Certo que a situação que se havia criado a consequência do culto a personalidade de Stalin dificultou o desenvolvimento criador do pensamento científico e a livre discussão dos problemas relacionados com a ciência. Sobre tudo, no âmbito das ciências sociais a influência foi especialmente negativa. Sem embargo, depois de haver sido denunciado o culto da personalidade, se observa um desenvolvimento vertical do pensamento criador em

todas as ramificações do saber. (KEDROV; SPIRKIN, 1967, p. 28).

É inegável que o conhecimento produzido na União Soviética avançou de modo qualitativo a ciência. Luria (1992), relatou que a Rússia pré-revolução era um país com pouco desenvolvimento técnico e científico, neste sentido, mantinha um modo de produção semifeudal, voltado ao campo, e com poucas cidades industrializadas. Porém, mesmo com o avanço de diversas áreas do conhecimento, em específico, a psicologia que objetivou uma teoria condizente com o marxismo, a censura fez parte de toda a década de 1930.

Todavia, ao mesmo tempo que encontramos retrocessos, também identificamos avanços nas concepções científicas da União Soviética. Em, 1934, a psicologia soviética perdeu um de seus principais expoentes. Vigotski, aos 36 anos, faleceu vítima de uma tuberculose. No entanto, neste mesmo ano, Serguei Leonidovich Rubinstein (1889-1960), um conspícuo psicólogo soviético, publicaria: Os problemas da psicologia nos trabalhos de Karl Marx (RUBINSTJN, 1987).

Em meio a censura imposta na época, Rubinstein, levantou uma série de reflexões acerca da psicologia soviética, concluindo que o único caminho para a criação de uma psicologia condizente com o marxismo seria a investigação criadora. Ao mesmo tempo, o autor apresentou a importância de se compreender as unidades entre atividade, consciência e personalidade em uma relação dialética, entre o sujeito e seu meio social. (RUBINSTJN, 1987). Este foi um dos materiais mais importantes publicados durante a década, de 1930, na psicologia soviética,

tendo um discurso completamente diferente dos apresentados pelos censuradores da época.

Em meio a um avanço no desenvolvimento teórico da psicologia, reconhecemos novamente um retrocesso no discurso repressor e proibicionista. No dia 4 de junho, de 1936, foi publicada uma resolução que proibia as denominadas teorias reacionárias e pseudo-marxistas da União Soviética. Neste sentido, os trabalhos de Vigotski foram censurados e proibidos durante quase vinte anos. Um ano mais tarde, em 1937, Eva Izrailevna Rudneva (1898-1988), publicaria um artigo denominado: Distorções pedológicas de Vigotski. Entretanto, diferente de Talankin (2000), Rudneva (2000), apresentou suas críticas ao longo de quase vinte páginas. As críticas seguiam ao encontro do discurso stalinista, apresentando Vigotski como um pseudo-marxista, anti-marxista, anti-científico, anti-leninista e, outras denominações etiquetadas que apareceram nas críticas de Talankin (2000) e de outros censuradores da época.

Rudneva iniciou seu artigo escrevendo que:

A resolução do Comitê Central do Partido Comunista de Toda a União (bolcheviques) de 4 de julho de 1936 intitulada “Sobre as distorções pedológicas no sistema do Comissariado do Povo para a Educação” pede a exposição dos conceitos anti-marxistas e pseudocientíficos no âmbito da educação e da educação e esclarece o caminho para a criação de uma verdadeira ciência

marxista sobre as crianças (RUDNEVA, 2000, p. 75).

Após seu primeiro parágrafo, Rudneva iniciou uma sequência de condenações a Vigotski. Ao longo de seus argumentos, estão presentes, portanto, os anti-marxismos e os anti-leninismos que Vigotski era acusado. O texto de Rudneva (2000) tornou-se um exemplo a ser seguido por todo os outros teóricos da psicologia. Agora, o discurso incorporado deveria ser stalinista, mesmo que sua essência fosse totalmente contrário ao marxismo-leninismo presente no princípio da Revolução. Entretanto, a década de 1930, apenas inaugurou o discurso do stalinismo presente nas determinações do partido que afetaram de modo negativo a psicologia. Na próxima década o discurso se intensificaria, neste sentido, criando, literalmente, o culto da personalidade de Josef Stalin. Neste sentido, nos atentaremos aos fatos da década de 1940.

## **A Década De 1940: A Psicologia Soviética Na II Guerra Mundial E As Destituições Dos Cargos Docentes**

A década, de 1940, talvez seja uma das mais confusas vivenciadas pela psicologia soviética. Com a entrada da União Soviética na II Guerra Mundial, o discurso de anti-marxismo desapareceu da ciência psicológica, tendo agora, os esforços voltados ao combate do nazifascismo. Diversos foram os trabalhos desenvolvidos pelos psicólogos durante este período histórico. Serguei Rubinstein, em 1944, publicou a segunda edição de seu livro: Princípios de psicologia Geral. Em seu prefácio escreveu:



Foi preparada a segunda versão desta obra para a impressão nos dias da Grande Guerra Pátria. Todas as forças e todos os pensamentos se concentravam naqueles dias na guerra, de cujos resultado dependia o destino da humanidade. Nesta guerra, nosso exército vermelho defendia os melhores ideais de toda a humanidade progressista, contra a barbárie mais horrível que jamais conhecera o mundo. Maidanek, Buchenwald, Auschwitz e outros campos de extermínio, que agora foram apresentados livremente diante do olhar da humanidade, permanecerão para sempre na memória não somente como lugares de inumanas torturas, daquelas pessoas martirizadas pelos carrascos fascistas, mas também, como expressão de uma decadência humana, como jamais poderia imaginar, nem a mais torta fantasia. (RUBINSTEIN, 1967, p. 13).

Todos os esforços estavam voltados ao combate do nazifascismo. Neste sentido, os trabalhos da psicologia foram direcionados para o auxílio de soldados e civis afetados pela guerra. Vale destacar a contribuição psicológica prestada por Rubinstein à população de Leningrado, ou ainda, os trabalhos de Luria com a neuropsicologia e a reconstituição dos sistemas psicológicos de soldados feridos durante combate. Para, além disso, pesquisas de autores como Zeigarnik, Te-

plov, Zaporozhets, Anániev etc., contribuíram para o avanço da ciência psicológica e, principalmente, para a recuperação de um discurso condizente com o marxismo (ANANIEV, 1948; SHUARE, 2016; RUBINSTEIN, 1944; GIANNONI, 2018).

Todavia, o discurso de Rubinstein (1967), diga-se de passagem, que enaltecia a liberdade e o combate ao fascismo, volta-se contra ele, precisamente, por ter sido perseguido pela publicação deste mesmo livro. Em 1942, três anos antes da publicação desta segunda edição, Rubinstein, recebeu o prêmio Stalin pelo lançamento da primeira versão dos Princípios de psicologia geral, publicado originalmente, em 1940. O prêmio Stalin era atribuído aos maiores avanços científicos da União Soviética naquele momento. Conquanto, em 1947, retornaram as críticas tendenciosas. O discurso Stalinista novamente é retomado e Rubinstein, é acusado de cosmopolitismo e antipatriotismo pela publicação deste mesmo livro.

A partir de 1947, Rubinstein foi julgado pela acusação de engrandecimento da ciência burguesa. Em seu julgamento disse:

A principal crítica a meu livro, parece-me que se refere a seu apoliticismo, a seu objetivismo em relação à psicologia estrangeira. Neste mencionado livro não aparece uma militância crítica à psicologia estrangeira e este deveria ser, na verdade, meu dever como especialista em meu país. Ao dar a conhecer aos leitores as ideias dos colegas do exterior, eu mantive com eles uma atitude

de polêmica e discussão, em lugar de denunciar a essência reacionária de todos esses ensinamentos. Desta maneira, eu atuei mantendo-me afastado dos princípios leninistas do partidatismo bolchevique. Agora, talvez possamos compreender que se tratava de uma autocritica obrigada a todos estes flagelos, quando uma verdadeira polêmica era impossível e a única coisa possível era reconhecer os próprios erros. (RUBINSTEIN S/D apud SHDAN, 2002, p. 151).

A principal acusação feita ao livro de Rubinstein foi sobre sua falta de posicionamento político, diga-se de passagem, não tendo criticado de modo adequado a psicologia burguesa. Por conseguinte, compreendemos adequado como: enaltecendo o discurso stalinista presente na ciência deste momento histórico. O fato é que o marxismo-leninismo perdeu sua característica transformadora ao longo desta década, dando origem ao engrandecimento de Stalin, que foi, por fim, deificado na ciência de modo geral. (KEDROV; SPIRKIN, 1967; GIANNONI, 2018).

Outo aspecto curioso é que ao longo da obra de Rubinstein (1967), encontramos um capítulo sobre a história da psicologia. Nele, o autor apresentou as ideias psicológicas presentes na filosofia desde a Grécia antiga, até demonstrar como a psicologia tornou-se ciência no fim do século XIX. Entretanto, foi acusado de ter engrandecido a psicologia burguesa, precisamente, por ter dialogado com colegas do ocidente. Todavia, ao longo de toda sua obra, Rubins-

tein, foi extremamente crítico com a psicologia tradicional e reacionária. No entanto, suas críticas partem de uma compreensão do materialismo marxista, e não stalinista. Rubinstein apresentou a importância de se entender as determinações históricas e culturais ao longo do desenvolvimento da ciência psicológica. Assim como Marx, se valeu do método para afirmar que os filósofos e psicólogos ocidentais contribuíram para o desenvolvimento científico desta área, contudo, ainda encontravam-se vinculados com as necessidades postas pela burguesia. Rubinstein, se apropriou do que de mais desenvolvido havia na história da psicologia ocidental, porém, sempre mantendo sua perspectiva crítica acerca destes conteúdos.

Entretanto, como mencionado por Kedrov e Spirkin (1967), a ciência entre as décadas, de 1930, até meados, de 1950, haviam se personificado na figura de Stalin. Neste sentido, todo trabalho – em específico das ciências humanas e sociais – deveria apresentar citações e discursos de Stalin. Em Rubinstein (1967), não foi diferente. Ao longo de suas quase 800 páginas, Stalin, apareceu em três diferentes momentos. A primeira referência a Stalin, encontra-se no capítulo 4: O problema da evolução na psicologia. Logo na segunda página, Rubinstein, apresentou uma citação de Stalin para explicar a dialética, diga-se de passagem, criticando a metafísica. Posteriormente, as duas outras referências a Stalin, aparecem no fim do livro, em específico, no capítulo sobre personalidade. Escreveu Rubinstein:

Por vezes é uma imagem comum ou generalizada que serve de ideal, uma imagem como síntese de certos traços especialmente significativos

e valiosos. Trata-se frequentemente de uma determinada personalidade histórica, na qual os referidos traços se materializaram com uma especial plasticidade. Estáline, por exemplo, põe Lénine como modelo que deve reger a conduta do homem soviético. A existência de um determinado ideal esclarece e dá uniformidade à orientação da personalidade. (RUBINSTEIN, 1977, p. 50).

Mesmo com sua autocrítica, e o destaque a personalidade de Stalin dado em sua obra, Rubinstein, foi destituído de todos os seus cargos neste mesmo ano, em 1947. Neste sentido, entre os anos de 1948 até 1953, Seguei Rubinstein foi denunciado como o primeiro e maior cosmopolita na psicologia soviética. Andrey Vladimirovich Brushlinskiy (1933-2002), seguidor e colaborador de Rubinstein, disse em uma entrevista, que ainda no colégio, teve de realizar um trabalho sobre psicologia. Uma amiga da família lhe deu o livro *Princípios de Psicologia Geral*, contudo, advertiu: “[...] leia isso, mas não cite ou refira-se a Rubinstein”. (BRUSHLINSKII, 2002, p. 6).

Sendo perseguido de modo intenso pelos stalinistas, Rubinstein, deixou todos os cargos de direção, pesquisa e ensino. O discurso patriótico que foi incorporado na psicologia soviética neste momento fez com que a ciência retrocedesse em seu desenvolvimento. Neste sentido, ficou evidente que em muitos momentos da história o ser é diferente do dizer ser. O marxismo que tornou-se a visão de mundo na ciência soviética, transformou-se em seu próprio oposto,

sendo reduzido a um método mecanicista e simplista. Nos últimos anos do regime stalinista na União Soviética encontramos mais retrocessos no modo de se pensar a ciência, tendo na década de 1950 novas imposições presentes no discurso patriótico e científico. Sem embargo, nos deteremos agora neste momento.

## **A Década De 1950: Os Últimos Anos Do Regime Stalinista E O Discurso Pavloviano Na Psicologia**

Entre os dias, 28 de junho a 04 de julho, de 1950, ocorreu uma conferência que recebeu o nome de Pavlov. A discussão foi organizada pela Academia de Ciências da U.R.S.S e da Academia de Ciências Médicas da U.R.S.S, tendo Anatoli Georgievich Ivanov-Smolesnki (1895-1982), como principal debatedor e defensor da obra pavloviana na ciência soviética. A partir dessa conferência, novas imposições foram feitas a psicologia, além dela, a educação, medicina e fisiologia deveriam passar por uma proposta de reestruturação de base pavloviana. Iniciou-se, portanto, um movimento pelo qual a teoria de Pavlov seria indicada para ser a base do desenvolvimento das mais variadas ciências da União Soviética. (PAYNE, 1968).

Durante os debates produzidos na conferência, participantes chegaram à conclusão de que os trabalhos produzidos pela ciência psicologia, desde a Revolução de Outubro, de 1917, não conseguiram sintetizar uma base teórico-prática sólida para a psicologia. Neste sentido, os psicólogos foram obrigados “[...] a reconstruírem sua ciência com bases no pavlovianismo”. (PAYNE, 1968, p. 53).

Payne (1968), também relatou que apenas três psicólogos participaram da conferência: Rubinstein, Boris Mikhaylovich Teplov (1896-1965) e Viktor Nikolaevich Kolbanovsky (1902-1970). Payne, ainda afirmou que a participação destes três teóricos se deu de modo cauteloso. Sem embargo, após o término da conferência Ivanov-Smolesnki declarou que “[...] no discurso do professor Teplov, além da autocritica, infelizmente não havia mais nada”. (SCIENTIFIC SESSION ON THE PHYSIOLOGICAL TEACHING OF ACADEMICAN I. P. PAVLOV, 1951, p. 511 apud PAYNE, 1968, p. 54).

Essa foi a primeira ameaça do que aguardaria a psicologia ao longo da década de 1950. Posteriormente, ainda encontraríamos a adaptação de conceitos e as tentativas de mudanças nos sentidos da palavra. O historiador da psicologia Luís García Vega escreveu:

Este movimento de pavlonização da ciência soviética obrigou a modificar as carreiras e disciplinas para ajustá-las a doutrina de Pavlov. O homem se converteria em um produto passivo das influências do meio, o qual implicou uma lamentável perda dos valores humanos e a subordinação aos interesses sociais impostos pelo aparato do partido. Diante dessa situação repressiva os autênticos psicólogos soviéticos (Luria, Leontiev, Rubinstein, Galperin, etc) externamente adotaram a ideologia imposta e ocultaram suas autênticas investigações

na sombra do conceito de reflexo, equivocadamente pavloviano, porque, na realidade para eles tinha outro significado muito diferente e de acordo com a teoria de Lenin, para quem a consciência era o reflexo ideal do mundo objetivo. De fato, todos estes psicólogos confessaram que tal situação impositiva foi uma grande humilhação e significou um grande retrocesso para a psicologia dialética. (VEGA, 1993, p. 114-115).

Todo avanço teórico da psicologia desde Outubro, de 1917, foi esquecido. Em seu lugar, encontramos um discurso impositivo, não condizente com a doutrina de Marx, Engels e Lenin. Diversos conceitos passam a fazer parte deste novo desenvolvimento científico da década de 1950. Entretanto, o significado da palavra ocultava seu verdadeiro sentido para os psicólogos soviéticos, tal como o produto oculta o processo pelo qual foi produzido (MARX, 2013).

Neste sentido, na década de 1950, identificamos o conceito de segundo sistemas de sinais sendo difundido nas discussões de pensamento e linguagem feitos pelos psicólogos. Todavia, o significado do conceito que continha uma interpretação fisiológica, era compreendido pelos psicólogos como palavra, portanto, tendo um sentido diferente de sua significação fisiológica (GIANNONI, 2018).

Entretanto, o principal conceito que permitia com que as obras dos psicólogos soviéticos não sofressem censura era o de reflexo. A palavra reflexo na doutrina pavloviana representava um instrumento para se

estudar processos e leis da atividade nervosa (VEGA, 1993). Todavia, para a psicologia, o mesmo conceito tinha outro sentido: o reflexo psíquico do mundo objetivo. Portanto, quando os teóricos se referiam ao reflexo, estavam expressando a tese de que a consciência é o reflexo do mundo material transposto para os seres humanos. Ideia encontrada em Lenin (1967), e apropriada de Marx (2013), que afirmava que “[...] o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem”. (p. 90).

Neste sentido, fica evidente que a palavra que é carregada de significações sociais, também possui diferentes sentidos, permitindo que seja instrumento de combate da censura imposta em um determinado momento histórico. Vale ainda afirmar que a psicologia soviética sofreria com a determinação pavloviana até o fim da década, de 1950. Apesar do falecimento de Josef Stalin, em 1953, e das denúncias feitas por Nikita Khrushchov (1894-1971), a ciência psicológica somente se libertaria do pavlovismo na próxima década (GIANNONI, 2018).

Serguei Rubinstein, que foi perseguido e censurado desde o fim da década de 1940, foi readmitido em suas antigas ocupações, diga-se de passagem, com diversas restrições. Apenas, em 1956, Rubinstein seria reconduzido para ocupar novamente a presidência do Setor de Psicologia do Instituto, todavia, até seu falecimento em 1960, não teve mais permissão para presidir o corpo docente e o Departamento de Psicologia da Universidade Estatal de Moscou, explicando parte do esquecimento de sua teoria nas décadas seguintes (GIANNONI, 2018).

A década, de 1950, encerrou em partes o discurso stalinista de anti-marxismo e anti-patriotismo. Portanto, encontramos presente na história da ciência psicológica di-

versos movimentos de avanços e retrocessos teóricos, práticos e políticos. Conquanto, ao mesmo tempo esses avanços e retrocessos estavam acompanhados de discursos. Ora, identificamos o discurso stalinista transmutado de marxista. Outrora, distinguimos o discurso marxista, visando o desenvolvimento do novo homem e da nova mulher socialista, buscando o avanço da consciência a partir da emancipação humana. Neste sentido, não podemos compreender os períodos, de 1920 a 1950, apenas como retrocessos presentes na história da psicologia soviética.

## Considerações Finais

A psicologia soviética que se desenvolveu a partir das concepções marxistas-leninistas, teve de se transformar nos diversos momentos políticos e sociais vivenciados na União Soviética. Nos períodos de maior censura, os teóricos encontraram um meio de se comunicar, os significados das palavras carregavam não apenas o discurso como interpretação mecânica, mas, também um sentido pessoal e individual para a psicologia Rubinstein, tratando sobre a consciência após o período que esteve censurado, escreveu:

Para chegar a um conhecimento autêntico dos testemunhos da consciência, das vivências “diretamente dadas”, estas têm de ser objeto de interpretação, como o texto de um discurso. Para compreender um discurso não como objeto de exercícios gramaticais, mas como fato vital em seu autêntico significado, para



compreender ao que fala e não só o texto formal de seu discurso, é necessário decifrar, por detrás do texto, seu “subtexto”, colocando em manifesto não só o que o homem disse formalmente, mas, adiante, o que queria dizer ou tinha a intenção de dizer, ou seja, o motivo e o fim de seu discurso, determinantes do sentido interno do mesmo. Do mesmo modo descobrimos o autentico sentido das vivências do homem, dos fenômenos de sua consciência. Do mesmo modo, seja dito, de passagem, trabalha o psicólogo prático, por exemplo, o ator ou o diretor da cena em sua atividade profissional. Tendo, na qualidade de documento inicial, o texto de que disse o personagem da obra, o texto em que se expressa seus pensamentos e seus sentimentos, o diretor de encenação compõe – como fazia K. S. Stanislavski – o correspondente “subtexto”. No “subtexto”, da psicologia do personagem se coloca em evidencia, partindo das ideias expressas e dos sentimentos do personagem a respeito da situação real vital em que o personagem se encontra, respeito ao conjunto das relações vitais em que se inclui com suas obras e atos. (RUBINSTEIN, 1963, p. 208).

É, portanto, neste trabalho de interpretação do subtexto que Rubinstein (1963), destacou a importância da atuação do psicólogo. No entanto, é curioso constatar que a psicologia soviética teve de trabalhar com as interpretações deste mesmo subtexto. Vale lembrar dos teóricos que foram censurados, mas, que eram difundidos nas críticas de colegas, nas tentativas de se transmitir as ideias e os pensamentos daquele autor. Porém, o subtexto mais evidente que encontramos entre as décadas de 1920 até 1950, foi a conservação da categoria de Reflexo, diga-se de passagem, que para a psicologia possuía um sentido completamente afetivo e transformador. Não podemos esquecer que o conceito veio do mesmo autor que motivou toda a transformação da psicologia soviética, em 1923, ou seja, Lenin.

Assim, iniciamos esse trabalho afirmando que a palavra é a unidade de análise mínima da consciência, e encerramos confirmando que o discurso se constitui a partir destas mesmas palavras, permitindo a compreensão concreta da vivência do sujeito em seu período histórico, tal como apresentado por Rubinstein (1963) em sua analogia acerca do subtexto psicológico.

Portanto, ao longo de toda a década, de 1920, destacamos que a psicologia iniciou o combate as teorias idealistas e reacionárias na União Soviética, todavia, o conhecimento era ainda pensado de modo coletivo. Contudo, a partir do começo da década, de 1930, o discurso que transmitia o progresso da classe trabalhadora, transformou-se em seu próprio oposto, ou seja, sendo utilizado como movimento de censura e perseguição política. Assim, já a partir desta mesma década, todos aqueles que destoavam do discurso promovido pelos stalinistas eram contrários ao avanço daquela sociedade.

Entretanto, a história não é linear, nela, identificamos ao mesmo tempo movimentos de avanços e retrocessos sociais, políticos e intelectuais. A década, de 1940, apresentou uma mistura destas passagens. Uma sociedade que durante a Guerra atuou em prol da liberdade e do fim do nazifascismo, posteriormente retornaria com as perseguições políticas e censuras impostas pelo stalinismo. Neste momento histórico um dos principais psicólogos que sofreu com todas as retaliações impostas foi Serguei Rubinstein. Destituído de suas funções, teve de se readaptar e incorporar em seu discurso conceitos que fossem condizentes com seu período.

Por sua vez, a década, de 1950, também foi marcada pelos mesmos movimentos de avanços e retrocessos. A conferência Pavlov que abriu o decênio, transformou por completo todo o discurso apresentado pelos teóricos da psicologia soviética, precisamente, que tiveram novamente de se adequar a situação. Neste sentido, podemos afirmar que esse ensaio, elucidou de modo geral como o discurso stalinista esteve presente durante toda a história da psicologia soviética, contudo, ao mesmo tempo, foi transgredido, encontrando um meio de se combater a censura, e criando um movimento que transmitia um sentido particular ao discurso da psicologia soviética. Ou ainda, tal como escreveu Rubinstein (1963), alterando a compreensão naquilo que estava escrito por detrás do texto, ou seja, no subtexto.

Todavia, essa foi apenas uma pequena revisão bibliográfica entre as décadas, de 1920 a 1950. Vale escrever que devemos ainda compreender quais os impactos e heranças mantidas do stalinismo na psicologia soviética ao longo das décadas seguintes. A própria censura, imposta por Leontiev as

obras de Rubinstein após seu falecimento, por exemplo, demarcam um novo meio de se compreender as heranças stalinistas presentes ainda na história da psicologia soviética. Portanto, restam os questionamentos acerca de como tais legados foram transmitidos para o ocidente, em específico, para a psicologia brasileira. Todavia, uma pergunta a ser respondida em outra oportunidade.

## Referências

ANANIEV, Boris. Achievements of soviet psychologists. *The Journal of General Psychology* v. 38, n. 2, p. 257-262, 1948.

BRUSHLINSKII, Andrey Vladimirovich. Interview with A. V. Brushlinskii. *Journal of Russian and East European Psychology*. v. 40, n. 2, p. 6-15, march/april, 2002.

GIANNONI, Alexandre Pito. *Uma história da psicologia soviética explicitada pelas abordagens da função imaginativa 1917 – 1960*. 2018. 260f. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Ciências Humanas, 2018.

KEDROV, M. B.; SPIRKIN, A. *La ciencia*. Moscú: Editorial Nauka, 1967.

KORNILOV, Konstantin Nikolaievitch. *Psikhologiya i marksizm*. Leningrad-Moskva: Gosudarstvennoe izdatel'stvo, 1925.

LENIN, Vladimir Ilyich. *Materialismo y empiriocriticismo*. México: Editorial Grijalbo, 1966.

LENIN, Vladimir Ilych. *Sobre el significado del materialismo militante*. [2013] Disponível em: . Acesso em: 27 de junho de 2022.

LOMOV, Boris. Psicología soviética: su historia y su situación actual. *Política y Sociedad*, Madrid, v. 2, p. 99-115, 1989

LURIA, Alexander Romanovich. *A construção da mente*. São Paulo: Ícone, 1992.

LURIA, Alexander Romanovich. *Desenvolvimento Cognitivo*. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2013.

LURIA, Alexander Romanovich. *Psychoanalysis as a system of monistic psychology*. [1977]. Disponível em: . Acesso em: 11 de junho de 2022.

MARX, Karl. *O capital - volume I: O processo de produção do capital*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MIASISHEV, Vladimir Nikolaievich. Problemas teóricos de la psicoterapia. In: LEBEDINSKI, Mark Samuilovich; PLATONOV, Konstantin Konstantinovich. *Problemas de psicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Quetzal, 1962.

PAYNE, Ted, R. S. L. *Rubinstein and the philosophical foundations of soviet psychology*. Holland: D. Reidel Publishing Company, 1968.

PETROVSKI, Artur Vladimirovich. *Psicologia general: manual didáctico para los institutos de pedagogía*. 2. ed. Moscú: Editorial Progreso, 1985.

RUBENSTEIN, Serguei. Soviet Psychology in wartime. *Philosophy and Phenomenological Research*. v. 5, n. 2, p. 181-198, dec., 1944.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. *El desarrollo de la psicología: Principios y metodos*. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1963.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. *Principios de psicología general*. México: Editorial Grijalbo, 1967.

RUBINSTEIN, Serguei Leonidovich. *Princípios de Psicologia Geral. Volume VI*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.

RUBINSTJN, Sergej Leonidovich. Problems of Psychology in the works of Karl Marx. *Studies in Soviet Thought*, n. 33, p. 111-130, 1987.

RUDNEVA, Eva Izareilevna. Vygotsky's pedagogical distortions. *Journal of Russian & East European Psychology*, n. 38, v. 6, p. 75-94, 2000.

SHALDERS, Lilian Rose. Nota da Tradutora. *Tempo Brasileiro: Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 21/22, p. 74-85, 1969.

SHDAN, A. N. S. L. Rubinstein e a universidade de Moscou. In: GOLDER, M. *Leontiev e a psicologia histórico-cultural*. Um homem em seu tempo. São Paulo: Xamã, 2004.

SHUARE, Marta. *A psicologia soviética: meu olhar*. São Paulo: Terracota Editora, 2016.

SMIRNOV, Anatoliy Aleksandrovich. On the fiftieth anniversary of soviet psychology *Soviet Psychology*, v. 6, n. 3-4, p. 19-39, 1967.

TALANKIN, Alexander Alexandrovich. On the Vygotsky and Luria Group. *Journal of Russian & East European Psychology*, v. 38, n. 6, p. 10-11, 2000.

VEGA, L. G. *Historia de la psicología III. La psicología rusa: reflexología y psicología soviética*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, S. A., 1993.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *Teoria e método em psicologia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.